

Ana Plácido por Fabio Mario da Silva

Maria Cristina Pais Simon¹

Resenha de:

SILVA, Fabio Mario da. **Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX** Uberlândia, MG : Tavares & Tavares, 2022, 178 p.

Fabio Mario da Silva, professor de literatura na Universidade Federal Rural de Pernambuco / UAST, acaba de dar à estampa, em 2022, uma obra de fôlego que vem colmatar grande falta nos estudos placidianos : *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*.

Um sólido prefácio de contextualização da Professora Cláudia Pazos Alonso da Universidade de Oxford introduz as 178 páginas deste ensaio perfeitamente documentado e confortado por pareceres e citações dos mais eminentes camilianistas, de alguns recentes placidianos e de diversos estudiosos do século XIX: Alexandre Cabral, Aníbal Pinto Castro, Jacinto do Prado Coelho, Adriana Mello Guimarães, Cláudia Pazos Alonso, Paulo Motta Oliveira, Irene Vaquinhas, entre outros

A obra é constituída por três capítulos em que o autor analisa gradual, lógica e pertinentemente o percurso da escritora oitocentis-

¹ Maître de conférences en Estudos Lusófonos, Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

ta, mais conhecida como a escandalosa amante de Camilo Castelo Branco, do que como mulher de letras.

No primeiro capítulo intitulado "O estereótipo feminino oitocentista e o Romantismo"

é definida a sociedade em que evolui e escreve Ana Plácido. Uma sociedade regida pelos barões do liberalismo cujo conservadorismo assenta obviamente numa conceção e num discurso de género castradores no que respeita ao feminino. A ciência da época, e a biologia, em particular, confortam semelhante visão considerando a mulher como um ser doméstico passivo, física e mentalmente débil, destinado submeter-se ao poder masculino e a procriar.-

Ora, e embora pareça paradoxal, é precisamente neste contexto que, em meados do século XIX, a mulher portuguesa começa a reivindicar o direito de expressão, o que, segundo os padrões morais em vigor, compromete não só a sua feminilidade, como também a honra familiar. Surgem, então, os primeiros jornais femininos e afirma-se e manifesta-se às claras o gosto da mulher pela leitura, em particular pelo romance, tão condenado por descuro da boa moral.

Após estas esclarecedoras parametrizações, Fabio Mario da Silva introduz Ana Plácido que, nos anos de 1860, após a absolvição do processo de adultério, em que perdida a honra, mas ganha certa liberdade, faz questão de enveredar pelo jornalismo e de viver das suas publicações, numa época em que o Código Civil exige para tal autorização marital. Assim, enquanto colabora em diversos jornais, entre os quais, *O Futuro* (Rio de Janeiro), *Gazeta de Portugal*, *O Civilizador – o civilizador, jornal de literatura, ciências e belas artes* (1860-1862), *Gazeta Literária do Porto*, *Diário Ilustrado*, *O Nacional*, publica em 1863 o seu primeiro romance, *Luz coada por ferros*.

No capítulo II, “Esboço da formação educacional placidiana”, o ensaísta analisa o significado e o alcance de “instrução” e de “educação” femininas no século XIX a fim de avaliar o possível acesso de Ana Plácido à posição de escritora e, baseando-se em Júlio César Machado, autor da Introdução a *Luz coada por ferros*, refere a sua vasta cultura literária: autores greco-latinos, clássicos portugueses, livros eclesiásticos, Racine, George Sand, Jules Janin, Dumas pai e filho, André Chénier, e alguns contemporâneos nacionais, como Almeida Garrett.

O profundo conhecimento por parte Fabio Mario da Silva da obra placidiana permitiu-lhe, ainda, discernir, sobretudo em *Herança de lágrimas* (1871, assinado pelo pseudónimo Lopo de Souza), outros autores de vulto que, quiçá, tiveram alguma influência na autora, Shakespeare, Eugène Sue, Lamartine, Alfred de Musset, Madame de Staël, Chateaubriand, Stendhal, Charlotte Brontë, entre muitos outros.

Outro aspeto importante deste capítulo, esclarecedor da posição da mulher como escritora, consiste na preocupação do ensaísta em sublinhar a posição perfeitamente analítica e crítica de Ana Plácido perante a insignificância da literatura feminina em Portugal, mas também perante a sua própria produção condenando, em particular, a literatura de índole excessivamente romântica e valorizando uma escrita edificadora. Por essa razão, dá nos seus textos grande importância à educação das personagens femininas e releva os efeitos negativos da literatura enganosa, a sentimental, responsável pelos infortúnios da mulher, para o que adverte a leitora. Assim, o processo de escrita de Ana Plácido terá sido em grande parte autobiográfico e, *ipso facto*, catártico.

Para exemplificação e ilustração destes aspetos da obra placidia-na, o segundo capítulo termina-se por uma longa apresentação de um dos primeiros textos da autora, muito ao gosto ultrarromântico, e altamente influenciado pela literatura de terror, *Visões*, assinado em 1860 pelas simples iniciais A. A. e publicado n’*O Atheneo*, n° 5, em 1860.

Assim definidos os padrões femininos oitocentistas e a formação cultural de Ana Plácido, educada num colégio francês do Porto, o terceiro e último capítulo do ensaio, “Problemáticas femininas na obra de Ana Plácido”, aborda os temas mais recorrentes da sua obra.

Na primeira subparte, “Os enclausuramentos femininos”, relacionando a escrita com as experiências vividas por Ana Plácido, o ensaísta evoca os lugares habituais de enclausuramento feminino, recorrentes na ficção romântica, conventos e casas de recolhimento. A argumentação é exemplificada por resumos de passos particularmente significativos de *Herança de lágrimas* e de diversos textos de *Luz coada por ferros* que ilustram a função e a representação destes lugares de reclusão na sociedade e na economia das obras.

“A cumplicidade e a rivalidade femininas”, segunda subdivisão do capítulo, baseia-se em *Esboço de uma novela incompleta* e em textos reunidos em *Luz coada por ferros*: “Adelina”, “O amor”, e “Impressões indeléveis”, em que a inveja, a rivalidade amorosa, a cobiça fazem e desfazem amizades, levando por vezes a mulher ao crime e à loucura.

Em “As mulheres e a luta contra o patriarcado”, terceira parte do capítulo, a análise assenta essencialmente em crónicas de “Meditações” (*Luz coada por ferros*), texto marcado por um tom irónico e certa revolta. A autora reflete aqui sobre os poderes que regem a so-

cidade e cuja afirmação exponencial atribui à ascensão da nova família burguesa. Advêm, estes, essencialmente da religião e do patriarcado que tanto corresponde a salvaguarda, proteção, quanto a condenação e perdição.

A feminilidade, cujos sentidos são analisados, a condição feminina e a atitude que convém adotar perante o patriarcado são outros pontos de interrogação de Ana Plácido que afirma que a mulher só pode escapar à sua condição pela leitura e pelo estudo.

Para terminar o terceiro capítulo, em "Infidelidades masculina e feminina : o adultério e a separação", demonstra-se como a escritora transformou em matéria literária as experiências traumáticas da sua vida amorosa a fim de levar as leitoras a refletir sobre o adultério e a separação a partir de perspectivas bem distintas como o posicionamento masculino e o feminino, a legislação, a moral social. Para melhor entendimento da posição placidiana e da questão em análise, Fabio Mario da Silva introduz nesta parte do texto úteis e esclarecedoras informações sobre os Códigos Penal e Civil de 1865, 1867 e 1910.

A uma conclusão cuidada em que são retomadas as problemáticas principais do ensaio, segue-se uma bibliografia que consigna as publicações da autora, do século XIX às mais recentes, no século XXI, bem como textos, impressos ou em linha, de crítica literária ou de cariz autobiográfica. Na última parte, constam títulos sobre o século XIX, em geral.

Até 2022, somente três obras dedicadas exclusivamente a Ana Plácido foram publicadas (1930, 1991, 2008), duas bibliografias e um estudo cronológico completado por uma antologia. O ensaio publicado agora por Fabio Mario da Silva, tem o mérito de, além de não dei-

xar de parte esses aspetos, se focalizar numa análise rigorosa da obra placidiana que terá o maior interesse para os estudiosos da escritora, da questão e da autoria femininas no século XIX.